



Juventudes Bolivianas: Um Estudo Comparado Entre São Paulo e Buenos Aires Envolvendo Mídia, Educação e Cidadania¹

Danilo Borges Dias²

Universidade Católica de Brasília

Resumo

A presente proposta tem como objetivo indicar resultados parciais de um estudo doutoral que aborda as juventudes bolivianas em situação de vulnerabilidade social radicadas em São Paulo e Buenos Aires. Especificamente pretende-se, além de fazer um apanhado histórico recente das diásporas bolivianas nas duas cidades, saber como jovens migrantes se apropriam de algumas mídias eletrônicas e as usam, também, para lidar com os conflitos ocorridos com regularidade com os estudantes nativos nas dependências das escolas dos bairros do Canindé e Brás (São Paulo) e Bajo Flores e La Ferrere (Buenos Aires). A abordagem teórica passa por Canclini (2007), Grimson (2003), Silva (2000) e Cogo (2000). A metodologia usada é a Etnografia em Educação (WELLER e PAFF, 2011) com o auxílio da Sociologia do Cotidiano (PAIS, 2006). Os encaminhamentos preliminares indicam que há similaridades nas relações escolares nas duas cidades envolvendo jovens bolivianos com jovens nativos. Uma das características é de perceber a escola como um local de disputas por espaços simbólicas e físicos. Jovens bolivianos enfrentam dificuldades nas relações com os jovens nativos, por conta de questões culturais, sociais e étnicas. As mídias sociais tornam-se um instrumento de resistência e organização que busca espaço de apoio e organização comunitária com vistas à cidadania.

Palavras-chave: Juventudes; Bolivianos; São Paulo; Buenos Aires; Mídia; Educação; Cidadania.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Consumo e Cidadania: Políticas de Reconhecimento, Redes e Movimentos Sociais, do 6º Encontro de GTs - Comunicon, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2015.

² Doutorando em Educação, Mestre em Comunicação Social, Especialista e Graduado em Relações Internacionais. Professor na Universidade Católica de Brasília. Tem como área de interesse os novos fluxos migratórios dentro da América do Sul envolvendo bolivianos no Brasil e na Argentina. E-mail: daniloborges79@gmail.com



BREVE PANORAMA DA PRESENÇA BOLIVIANA NO BRASIL E NA ARGENTINA

Futuro... Promissor para alguns, perdido para outros (CANCLINI, 2007, p.9)

Para cada quatro bolivianos residentes na Bolívia, há um boliviano vivendo fora do país (CAGGIANO, 2005). Espanha, Estados Unidos, Argentina e Brasil são os quatro destinos mais frequentes na escolha do projeto migratório enfrentado por homens, mulheres e famílias que buscam fora do país melhores condições de continuar suas vidas em novos espaços nos quais o elemento trabalho sirva de catalisador para melhorias em outros segmentos da vida (GRIMSON, id.). Devido às dificuldades à entrada nos “países do norte” de migrantes laborais com baixa qualificação profissional, destinos alternativos foram pensados nas novas rotas migratórias (CANCLINI, 2007).

Economias mais amplas do que a do país de origem tornaram-se destinos potenciais e, no caso dos bolivianos, a Argentina, pelas proximidades geográficas, econômicas e geográficas, sempre foi levada em consideração pelos migrantes bolivianos como uma possibilidade de recomeço (BENENCIA e KARASIK, 1995). Já o Brasil, após a Década de 1990, com estabilização da economia por intermédio do Plano Real, aliado aos problemas financeiros sofridos no País vizinho, e com a ampliação do mercado de confecção e costura de São Paulo, tornou-se um potencial espaço para que os bolivianos, assim como outras nacionalidades sul-americanas com características próximas, repensassem suas vidas por intermédio do fator econômico e laboral (SILVA, 1999, 2003).³

³ A presença boliviana tanto na Argentina quanto no Brasil datam de muito antes. Na Argentina se tem registros históricos que datam de mais de dois séculos. No Brasil, desde os anos de 1950 os dados históricos percebem fluxos de bolivianos. No entanto, para o momento, o apanhado descrito é suficiente para a presente proposta.



Com o passar das décadas, tanto em São Paulo quanto em Buenos Aires, espaços citadinos onde as possibilidades laborais são maiores e as redes de contato já estão mais estabelecidas, os contingentes populacionais oriundos da Bolívia foram se estabelecendo e se desenvolvendo (BONASSI, 2003). Em Buenos Aires se percebe, também por conta da presença boliviana datar de mais tempo no País, uma organização maior dos núcleos comunitários de origem boliviana. No Brasil essa organização está se consolidando no correr das últimas décadas, mas não se percebe uma organização social, política e econômica tão intensa entre os bolivianos como se percebe na Capital Portenha (ROMMANELI e MEZZATO, 2007).

Esses contingentes se instalam nas cidades e a vida segue, se desenvolve e se mistura com as histórias das próprias cidades. Nesse sentido, os casamentos acontecem, os filhos nascem e as novas gerações vão dando continuidade à história dos lugares e dos ancestrais que iniciaram o movimento migratório em si. Neste ponto encontramos o foco da nossa proposta, os jovens bolivianos, ou de origem boliviana⁴, que estão em São Paulo ou Buenos Aires, filhos de costureiros que atuam nos mercados de confecção e costura das duas cidades, ou que ocupam funções laborais nos patamares mais baixos da hierarquia social e que frequentam as escolas de ensino médio de bairros periféricos.

AS JUVENTUDES BOLIVIANAS NAS ESCOLAS EM SÃO PAULO E BUENOS AIRES

Antes de darmos continuidade às nossas reflexões e contextualizações, merece destaque o nosso entendimento teórico acerca do entendimento usado neste estudo para o termo “juventudes”. Nesta proposta adotaremos o conceito de juventudes trabalhado pela UNESCO (2007) que entende que o termo juventude não é um termo fechado e

⁴ Para fins metodológicos consideramos neste estudo tanto os jovens de nascimento quanto os de segunda geração. Chamaremos a todos de jovens bolivianos. Mesmo os nascidos no Brasil ou na Argentina vivem em uma situação de fronteira, pois em casa o linguajar e os costumes são todos ligados à cultura dos países, mas têm a nacionalidade argentina ou brasileira. No entanto, por conta de traços fenotípicos e por conta de elementos culturais, não são considerados pelos jovens locais como sendo nacionais.



aplicável a uma realidade exclusiva. Muito pelo contrário, tal conceito é complexo e multifacetado, assumindo particularidades de acordo com o espaço, tempo e contexto. As demandas juvenis surgem com base no local de fala e se diversificam e se potencializam no entendimento dos conceitos de inclusão e exclusão. Posto isso, seguimos com nossas questões envolvendo as juventudes bolivianas que têm recorte social, étnico, cultural e econômico específico. Esses elementos os colocam em uma caracterização definida e distinta de outras juventudes.

Em São Paulo, a Câmara de Vereadores do Município, em 2009, com o objetivo de apurar a exploração do trabalho em condições análogas à escravidão cujas quais migrantes andinos estavam submetidos no ramo de confecção e costura de bairros típicos como o Brás e o Bom Retiro, constatou em uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que as principais dificuldades que estes “migrantes laborais” (nomenclatura registrada pela literatura especializada) possuem muitas dificuldades de acesso aos serviços públicos, dentre eles, poder matricular seus filhos nascidos no Brasil, ou não, nas escolas públicas de ensino médio e fundamental da rede municipal (CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 2009).

Outra constatação mais profunda da CPI é de que, quando se tem acesso ao ambiente escolar, estranhamentos entre estudantes nativos e estudantes “estrangeiros” são comuns, por conta de questões étnicas, culturais e idiomáticas. Magalhães e Schilling (2012) destacam que a inserção dos migrantes bolivianos no sistema educativo da Capital Paulista é problemática com desdobramentos que transitam desde a gestão administrativa do estabelecimento escolar e que culminam nas relações pedagógicas e sociais dentro de sala de aula. As autoras compreendem como está sendo realizado o direito humano à educação para os e as imigrantes da Bolívia que vivem em São Paulo como principal objetivo de seus estudos, inserindo-se no ponto de encontro entre dois debates globais contemporâneos: de um lado, os que envolvem a complexidade das migrações internacionais e, de outro, os que tratam das tensões relativas à universalização de direitos em sociedades desiguais e discriminatórias.



Em nossas pesquisas de campo preliminar em São Paulo percebe-se exatamente essas dificuldades. Em entrevistas em profundidade com famílias bolivianas, e por intermédio de conversas informais com professores da rede pública de ensino, o que se percebe nas escolas públicas da Capital é que o acesso é uma das primeiras dificuldades, mas não a única. Depois de vencida a barreira do ingresso, há a batalha pela permanência e é neste ponto onde encontramos os maiores desafios, pois as relações no interior da escola envolvendo estudantes bolivianos com estudantes nativos, neste caso brasileiros, assim como na Argentina, é uma relação conflituosa e tensa. As diferenças culturais, linguísticas, étnicas e sociais potencializam os desencontros. Em uma conversa com uma mãe de um estudante boliviano do ensino médio ela destacou: *“si fuéramos alemanes, italianos o judíos no sufriríamos como sufrimos. Pero somos originários quéchuas, somos pobres y no hablamos bien portugués. A causa de esto mi hijo sufre en esta escuela y no puedo sacarle de ella, pues no hay otra cerca a nosotros y mi hijo necesita estudiar. No quiero que él siga el camino de sus padres”*.⁵

Novaro (2009) declara que a escolarização de jovens de origem boliviana em ambientes de partilha com grupos de jovens nacionais sempre é dificultosa e com graves questões relacionadas à identidade dos grupos com hereditariedade indígena. A autora declara que há violências físicas e simbólicas envolvendo grupos nacionais e grupos estrangeiros, fazendo dos espaços escolares espaços de afirmação identitária tanto de um grupo quanto do outro. Os elementos catalisadores para as disputas são, de acordo com a autora, nacionalidade, proveniência étnica, língua e fator social. O fato de ser boliviano, pobre, indígena e de se comunicar, por vezes em quéchua ou aymará, e da língua espanhola falada na Bolívia ter forte influência neste quesito, formam os

⁵ Como havíamos destacado, o presente estudo faz parte de um processo doutoral em andamento e, dada a brevidade do espaço que temos para este artigo, não temos aqui condições de esmiuçar todas as análises pertinentes também à pesquisa de campo. Dessa forma, para cumprir a função de cada objetivo específico, seremos breves e na apresentação do processo, na sua contextualização e nos seus desdobramentos de campo.



elementos de disputas dentro do ambiente escolar de bairros nos quais a ideia de “*doble-bandera*”, escolas de Buenos Aires que acolhem argentinos e bolivianos, se efetiva como uma ação promovida pelo Estado Argentino. A autora conclui que os espaços disputados fazem dos vencidos sujeitos forçados a se calar e a não serem respeitados em sua condição de pessoa e estudante.

Zlachevsky (2013) complementa que as escolas na periferia de Buenos Aires se tornaram campos de representação simbólica de animosidade entre argentinos e bolivianos. A escola, para a autora, é o bastião máximo em termos societários de divisão que marca o “nós” dos “outros”, impactando na produção de experiências impactantes no correr dessas relações que contribuem, positiva ou negativamente, para o processo de escolarização e socialização dos jovens nos ambientes escolares multiétnicos. Fronteiras e ilhas de identidade são criadas, moldadas, indicadas, refutadas, aceitas e negociadas na medida das intensidades provocadas pelos encontros culturais na cidade como um todo, mas na escola com mais acentuação.

A nossa presença nas escolas de Buenos Aires segue o mesmo padrão de São Paulo, pois articula as entrevistas em profundidade com estudantes, familiares e com professores. As questões destacadas pelas autoras, na nossa percepção do campo de pesquisa, parecem ser ainda mais drásticas no sentido de perceber que na Argentina, como destacou Caggiano (2005), no imaginário do povo que se pensa e se vê com forte ascendência europeia e que nega suas origens indígenas, que o tratamento dispensado ao boliviano no cotiado é mais severo. O “*crisol de razas*” destacado pelo autor não entra os povos originários. As questões e conflitos que envolvem os jovens bolivianos e jovens locais tem no ambiente escolar somente uma continuidade das relações sociais maiores, pois em um jogo de futebol, por exemplo, a palavra “boliviano” é usada como um xingamento de uma torcida contra a outra.



AS JUVENTUDES BOLIVIANAS E O USO DAS MÍDIAS NO UNIVERSO ESCOLAR: A BUSCA POR CIDADANIA

O que se redistribuiu no espaço urbano nos últimos vinte anos? Em primeiro lugar, as redes de comunicação (CANCLINI, 2007, p.159).

As culturas vivem enquanto se comunicam umas com as outras e esse comunicar-se comporta um denso e arriscado intercâmbio de símbolos e sentidos (MARTIN-BARBERO, 2003 p.68).

Ecosteguy (2001) destaca que os meios de comunicação de massa se desenvolveram no correr da segunda metade do Século XX como mecanismos ideológicos do Estado. Nessa época, complementa a autora os estudos populares e que fugiam da atenção científica central começaram a ganhar mais visibilidade. As classes populares ganharam novos contornos e temáticas até então fora dos mecanismos centrais começaram a se tornar objeto de investigação nos processos comunicacionais, como os novos fluxos migratórios típicos do Século XX e XXI no contexto sulamericano. Esses elementos, em determinado ponto, descolavam-se das atenções meramente estatais e de controle de opinião e passavam a ganhar espaço dentro do universo acadêmico, abrindo espaço para se falar de populações excluídas, cidadania e suas interfaces com os meios de comunicação.

Cogo (2006) define como comunicação intercultural mediatizada o conjunto de relações que os migrantes têm com as sociedades receptoras nos espaços comuns das cidades por intermédio de um repertório midiático construído, ou gerenciados, pelos próprios migrantes no correr de suas interações societárias marcadas pelas diferenças culturais. Nesse sentido incluímos no hall analítico que o pensamento da autora abre as mídias eletrônicas como elementos potenciais para as relações sociais que envolvem jovens migrantes em São Paulo e Buenos Aires com os jovens locais no ambiente escolar típico de uma grande cidade do Século XXI.

Para Serres (2013) o mundo mudou nos últimos vinte e cinco anos, em termos tecnológicos, e os jovens são os grandes protagonistas neste processo no sentido da



apropriação, no uso e na expansão dos meios de comunicação. As mídias sociais, blogs, chats, whatsapp, acompanham o desenvolver das sociedades e influenciam o rompimento de paradigmas e na criação de outros. Estes novos paradigmas podem ser entendidos como mecanismos de enfrentamento e disputas por espaços, como os visíveis nas escolas de São Paulo e Buenos Aires, local de vivências entre juventudes nacionais e estrangeiras.⁶

Os espaços de zonas periféricas de São Paulo e Buenos Aires, onde se encontram as escolas que acolhem jovens bolivianos e jovens nacionais, são espaços marcados pela tensão entre os grupos⁷. Tensões que marcam os espaços entre o “nós” e o “eles”. Tensões que marcam questões acerca “do quem chegou aqui primeiro?” – questão muitas vezes posta pelos jovens brasileiros e argentinos para se referir aos estudantes bolivianos como “invasores”.

De maneira em geral, mas não categoricamente, os bolivianos compõem o lado mais frágil do processo e têm muitos de seus direitos, independentemente da questão documental, negados nos espaços das cidades de São Paulo e Buenos Aires. Dessa forma, como mecanismo de resistência, a organização intracomunidades⁸ precisa ser

⁶ O que é nacional e o que é estrangeiro fica aberto a muitas análises e possibilidades. O jovem boliviano é acusado pelo jovem argentino de ser estrangeiro em Buenos Aires, por exemplo. Só que como elemento de resistência ele diz ao argentino que quem é estrangeiro é o argentino, pois os seus antepassados, europeus ibéricos, chegaram naquelas terras bem depois que os antepassados do presente boliviano, quéchuas, aymará e mapuches, já se encontravam sediados nos territórios que hoje conhecemos como Argentina

⁷ É importante destacarmos que não podemos pensar nas disputas dos espaços físicos e simbólicos como disputas dicotômicas entre um grupo que é bom e que sofre contra um grupo que é perverso e agride. Seria um reducionismo muito ingênuo da nossa parte perceber o campo de estudos dessa maneira, fora que esse tipo de abordagem não condiz com os cuidados do pesquisador durante o processo etnográfico e observacional do cotidiano. Precisamos entender os agentes envolvidos como seres que possuem interesses distintos, mas que são pessoas normais. O migrante precisa ser entendido como um ser normal, com a particularidade de se perceber no processo migratório, com as vicissitudes típicas dessa circunstância. Para tanto, muitas vezes nas escolas visitadas e nas interfaces que temos em São Paulo e Buenos Aires, quando há violência física, os bolivianos não são as vítimas, mas sim os agressores.

⁸ Não decorreremos aqui acerca do conceito de comunidades, à guisa de explicação. Sabemos das dificuldades presentes em afirmar que existe uma comunidade boliviana, pois as ramificações, os interesses e as histórias dentro do mesmo grupo nacional nem sempre são os mesmos e isso dificulta englobá-los em uma única comunidade, como comumente ouvimos em São Paulo. Já em Buenos Aires o termo em questão é substituído por *Colectividad*. Ao nosso ver, a ideia de *Colectividad* é mais adequada, pois na *Colectividad* encontramos um “guarda-chuvas” mais abrangente onde caibam comunidades.



pensada e os meios de comunicação e as mídias sociais se potencializam nessa questão social e, também, no ambiente escolar. Esses meios de comunicação passam pela portabilidade dos celulares e seus diversos aplicativos, passam pelas articulações via blogs, via sites e pelas redes sociais com o intuito de criar mecanismos de apoio, serviço e proteção contra os problemas criados no ambiente escolar envolvendo nativos e estrangeiros. Vamos detalhar algumas mídias em São Paulo e Buenos Aires a partir das nossas experiências de campo.⁹

Em São Paulo a nossa percepção com base em nossos estudos de campo são que nas escolas do Brás e do Canindé podemos perceber que a composição das duas escolas secundárias em investigação têm como participantes não somente estudantes brasileiros e bolivianos, mas também peruanos e paraguaios, havendo em menor número chilenos e, curiosamente, dois argentinos. Os conflitos são inevitáveis e os confrontos e acusações no interior da escola, durante as aulas e fora delas também é visível. Os jovens de origem boliviana são o alvo das perseguições e, em entrevistas em profundidade com estes jovens foi possível perceber que, no tocante ao uso das mídias para se combater tais problemas, na escola do Canindé, foi-nos relatado que: *“los chicos de brasileños no nos gustan. Nuestra presencia no es bienvenida. Durante las clases, cuando la profesora nos está presente somos llamados de bolitas y nos pegan. Uso mi teléfono para registrar las agresiones, pero el director hace poco caso. Afuera de escuela encamino con mi familia estas agresiones a la policía. Cuando la policía viene hasta la escuela el director pregunta con sorpresa al investigador que no sabia de lo que pasava”*.

Na escola do Brás percebemos uma rede maior de ação envolvendo as Fraternidades.¹⁰ As Fraternidades têm membros dentro das escolas da região e eles

⁹ Destacamos que nossa pesquisa está em andamento. O trabalho de campo segue em curso e as interfaces em São Paulo e Buenos Aires acontecem alternadamente. Passamos de cinco a seis meses em cada capital, fazendo interfaces com os migrantes, escolas, professores, famílias, etc. O estágio de Buenos Aires está mais avançado. O de São Paulo terá no segundo semestre de 2016 e início de 2017 os momentos mais altos de interação social.

¹⁰ As Fraternidades são agremiações de jovens bolivianos que se reúnem para festejar uma espécie de carnaval boliviano, celebrado no mês de agosto, que, na verdade, reúne festa religiosa em homenagem à Nossa Senhora de Copacabana e independência da Bolívia. As fraternidades visitam todo o folclore



usam as artes das Fraternidades para relatar fora do ambiente escolar os problemas existentes dentro das escolas. Essas Fraternidades têm blogs e sites e seus vídeos e danças relatam, em determinadas ocasiões, os problemas que envolvem as juventudes bolivianas no cotidiano com as juventudes paulistanas. Os portais da internet retratam essas questões e as mídias eletrônicas portáteis, como os celulares com acesso a internet fazem as conexões mais amplas de relatos de problemas que não encontram eco nos canais formais de justiça e cidadania.

Em Buenos Aires, devido a uma organização maior e mais sistematizada da coletividade boliviana quando comparada aos seus conterrâneos de São Paulo, podemos perceber redes de apoios mais amplas e que têm ramificações em diversos âmbitos da vida social. Estas ramificações se espalham pelos diversos campos e faixas etárias dos bolivianos em condições de fragilidade social, e descendentes, presentes na capital argentina. As mídias sociais (whatsapp e facebook) estão presentes no ambiente escolar e servem para comunicar os fatos de agressão e violências envolvendo jovens nacionais com jovens de origem boliviana, situações estas nas quais estes últimos, com maior regularidade em nossas observações, são os que sofrem as agressões neste processo. Uma das constatações simbólicas mais visíveis e que nós imaginávamos que era um diferencial da situação brasileira era no tocante à língua, pois o espanhol é a potencial língua comum envolvendo bolivianos e argentinos. No entanto, o espanhol falado na Bolívia é distinto e com interferências das línguas originárias (quéchua e aymará). O espanhol da argentina tem muitas interferências do italiano e isso faz com que os dois espanhóis” dialoguem com certa dificuldade.¹¹

O facebook e o whatsapp servem como espaços de diálogo e discussão entre os jovens bolivianos para debater, relatar e refletir as relações ocorridas no ambiente

andino por intermédio de danças variadas que simbolizam as relações diversas envolvendo colonizador e colonizado. As fraternidades são um *locus* de observação importante e que serve para entender a história da Bolívia e, também, como os bolivianos se organizam no Brasil. Muitos jovens que fazem parte das nossas pesquisas em São Paulo fazem parte de uma Fraternidade.

¹¹ Especificamente em Buenos Aires encontramos o *Lunfardo*, dialeto que mescla o espanhol com forte interferência em termos de vocábulos e estruturas do italiano, refletindo-se na maneira de falar, comportar-se e de ser do argentino.



escolar. À convite de um grupo de jovens do Bajo Flores, frequentes de uma das escolas em análise, fomos inseridos em um grupo de whatsapp que tinha como título: *Bolitas Boquenses*, em alusão ao time de futebol Boca Juniors, o mais identificado com as classes populares na Argentina. O que nos chama atenção é como o título do grupo se remete à uma provocação geralmente recebida pelos bolivianos por parte dos argentinos. A palavra “*bolita*” é usada como um insulto. Este grupo assumiu esta identidade e a usa a seu favor.

Várias questões importantes e interessantes têm ocorrido após fazer parte deste grupo, acompanhar o histórico das conversas, antes da nossa entrada, nos dá elementos interessantes e importantes para seguir em nossa pesquisa de campo e perceber como a ação dos próprios jovens dá vazão à questões que não encontram espaço de resolução nos órgãos formais, como a direção da escola. Essas questões se reportam à agressões físicas e q provocações das mais variadas espécies. Uma das questões marcantes e o trânsito dos estudantes em pequenos grupos. É importante que estejam sempre em pequenos grupos organizados para pensar uma proteção comum de uns aos outros em casos de confrontos físicos. O espaço do whatsapp e do facebook oferecem possibilidades de se pensar algumas dessas questões. Para um destes jovens, quando indagado também por whatsapp acerca do seu entendimento sobre o conceito de cidadania, nos foi dito que: “*nuestra ciudadanía empieza por nuestra organización. No podemos esperar que otros resuelvan nuestras cuestiones. Nosotros sabemos de eso y nuestros padres tambien*”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As bases preliminares deste estudo, que segue em curso, nos permitem fazer algumas afirmações. Dentre elas é que os novos fluxos migratórios se apresentam como um grande desafio. Os movimentos migratórios laborais dentro do Cone Sul, da mesma forma. Os Bolivianos que buscam melhores condições de vida no Brasil e na Argentina estão inseridos nesses contextos, principalmente quando o projeto migratório é familiar



e com desdobramentos de uma geração para a outra. Os filhos da migração crescem em um espaço que não lhes é totalmente seu e não lhes é totalmente estranho. Estes filhos crescem nas cidades e com ela se relacionam de diferentes maneiras. Os espaços sociais, como a escola, são lugares nos quais as relações de desdobram, em muitos sentidos, em situações limites de disputas reais e simbólicas com jovens nacionais. Os mecanismos de comunicação tecnológicas estão presentes e têm um papel importante nesse contexto.

Mídia, educação e cidadania possuem conexões visíveis nas relações que envolvem as juventudes bolivianas em São Paulo e em Buenos Aires. Em ambas as capitais é possível se perceber similaridades nas escolas onde há encontros envolvendo jovens locais com jovens bolivianos. As diferenças culturais, étnicas e nacionais são os motivos dos estranhamentos. As mídias sociais tornaram-se, em maior ou menor intensidade, e a depender de qual mídia, como elementos de resistência por parte dos jovens bolivianos para encontrar espaço social no sentido de se fazer denúncias, de se criar mecanismos de proteção e de criação de redes de cooperativismo que possam ampará-los contra violências físicas e simbólicas.

A cidadania de muitos migrantes, muitas vezes não garantida pelo poder público, é encontrada de diversas maneiras pelos viventes deste processo. O uso das mídias sociais eletrônicas compõe esse cenário. Os mecanismos comunicacionais nos dispositivos móveis disponíveis e de fácil acesso mesmo para as juventudes em questão fazem parte de leque de possibilidades. Com o uso do celular com acesso à internet, por mais modestos que os aparelhos seja, os jovens bolivianos em São Paulo, mesmo em proporções e nível organizacional diferentes, encontram importantes mecanismos para garantir elementos que trabalhem elementos de cidadania e direitos fundamentais que são negados, geralmente, a cidadãos em situação de fragilidade social.

Em Buenos Aires os jovens bolivianos em suas interfaces com os jovens argentinos nas escolas de *doble-bandera* encontram seus percalços cotidianos. Apesar dessas escolas serem uma afirmação estatal de afirmação e reconhecimento à acolhida, ainda é preciso fazer muito para uma inclusão de fato. Nesse meio-tempo os migrantes



já sabem que não podem aguardar pelo Estado para tudo e, assim, criam seus próprios mecanismos de inclusão e resistência. Em Buenos Aires os blogs, as associações dentro da Coletividade, os aplicativos tipo Whatsapp, se tornam soluções midiáticas de se afirmarem, denunciarem e se organizarem para uma vida com menos violência, abandono e desconfiança no interior das escolas, que é um espaço social de continuidade de relações que começam fora do ambiente escolar. Já em São Paulo as relações nas escolas envolvendo migrantes e jovens nacionais são problemáticas e conflituosas, com uma passividade e espera maior do poder estatal nas intervenções de conflito. As mídias sociais são usadas também para se falar dessas situações, mas não tanto quanto é feito na realidade argentina.

Referências

- BENENCIA, Roberto. KARASIK, Gabriela. **Inmigración limítrofe: los bolivianos en Buenos Aires**. Biblioteca Política Argentina. Buenos Aires. Editora América Latina, 1995.
- CAGGIANO, Sérgio. **Lo que no entra en el crisol: inmigración boliviana, comunicación intercultural y procesos identitários**. Buenos Aires: Editora Prometeo, 2005.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Globalização imaginada**. Rio de Janeiro: Editora Ilumiuras, 2007.
- COGO, Denise. **Mídia, interculturalidade e migrações contemporâneas**. Rio de Janeiro: Editora CSEM, 2006.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os Estudos Culturais. In. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. HOHFELDT, Antônio. MARTINO, Luiz Carlos. FRANÇA, Vera Veiga. 9 ed. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2001.
- GRIMSON, Alejandro. **Relatos de la diferencia y la igualdad: los bolivianos en Buenos Aires**. Buenos Aires. Editora EUDEUBA, 1999.



MAGALHAES, Giovanna Modé. SCHILLING, Flávia. **Imigrantes bolivianos na escola em São Paulo:** fronteiras do direito à educação. Tese de mestrado defendido na Universidade de São Paulo. Departamento de Educação, 2012.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** 5ª Edição. Tradução Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

NOVARO, Gabriela. **¿Una inclusión silenciosa o las sutiles formas de la discriminación?** Reflexiones a propósito de la escolarización de niños bolivianos. Buenos Aires, Eudeba, 2009A.

ROMANELLI, Amanda. MEZZATO, Juliana. **Uma Bolívia em São Paulo. Depois dos italianos e japoneses, chegou a vez dos bolivianos mudarem a cara da cidade.** São Paulo: Editora Umesp, 2007.

SERRES, Michel. **Pulgarcita.** Buenos Aires: Editora Tezontle, 2013.

SILVA, Sidney Antônio. **Bolivianos: a presença da cultura andina.** Coleção Imigrantes no Brasil. São Paulo. Editora Companhia Nacional do Livro, 2003.

SILVA, Sidney Antônio. **Costurando sonhos: trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo.** São Paulo. Editora Paulinas, 1997.

ZLACHVSKY, Natália. **La escuela y la frontera: procesos de identificación nacional de los niños en la frontera entre Argentina y Bolivia.** Revista Perspectiva – Universidade federal de Santa Catarina. V.31. N.3. set/dez. Florianópolis, 2013.